

"Os Anjos do Progresso no Brasil": as missionárias protestantes americanas (1870-1920)

*"The Angels of Progress in Brazil":
North-American Protestant women missionaries
(1870-1920)*

*Eliane Moura da Silva**

Resumo: Esse trabalho é sobre a relação entre gênero e religião a partir de um estudo de história cultural das missionárias protestantes americanas no Brasil entre 1870 e 1920. Os encontros e desencontros durante as missões religiosas protestantes alteraram trajetórias de gênero num longo e conflituoso processo. As dinâmicas de gênero assumiram formas muitas vezes irregulares: em contato com mulheres nativas, as missionárias tiveram que negociar não somente as relações com suas crenças, seus sentimentos e com as estruturas masculinas de poder, mas também com os conjuntos de regras e restrições que estruturavam suas novas relações nos ambientes em que se estabeleceram.

Palavras-chave: história, gênero, missionarismo protestante, Brasil, século XIX.

Abstract: This work is about the relationship between gender and religion from a study of the cultural history of the American Protestant missionary in Brazil between 1870 and 1920. The gender dynamics between American missionaries and the natives women occurred in different ways: in contact with native women, the missionaries had to negotiate not only relations with their beliefs, their feelings and with the male structures of power, but also with the sets of rules and restrictions in their new relations in Brazil

Key words: history, gender, protestant missionarism, Brazil, XIX Century.

Introdução

Em seu diário de viagem a bordo do “*Yamoyden*” com destino ao Brasil em 1881, a recém-casada missionária batista americana Anne L. Luthers Bagby

* Professora Livre Docente de História Contemporânea do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, elmoura@unicamp.br

(1859-1943) registrou, em trinta e um de janeiro, que esse seria o primeiro Ano Novo passado longe de casa. Esperançosamente, afirmou que teria, daí por diante, a oportunidade de novos desafios e experiências. Considerando que na vida há sempre mais alegrias do que tristezas, ela contava com a oportunidade de novos trabalhos ao chegar às terras brasileiras.¹ Outra missionária batista e solteira, Miss Minna S. Everett (1853-1932), quando de sua partida para o Brasil, em 1885, descreveu seus dilemas com as seguintes palavras:

The night before going aboard the steam ship for Eastern Coast cities of South America, I was much in thought with my mother, writing her a lengthy letter with many tears blots. The letter was an effort to explain why I was leaving without first going home to tell her all about and to tell all a loving good-bye. The child love of my heart was poured out in that letter [...] but [...] lest (sic) I might fail in my promise to God [...] to give my life in whatever way He might use me to be help in extending His truth.²

Relatos missionários como os de Anne e de Minna fazem parte da história de milhares de mulheres, solteiras ou casadas, às voltas com mudanças de espaços, em ações coletivas. Desafiam as imagens de confinamento, de representações tradicionais que ligavam todas as mulheres à terra e à família, como figuras dos modelos tradicionais que negavam vontade de fuga e de buscar desafios. Se os discursos imperantes na época apelam para a dissimetria de vocabulários – aos homens os espaços públicos como essenciais ao caráter e a honra da masculinidade e às mulheres o lar e a família – muitas delas, diante das condições em que viveram, reinventaram seus limites, suas inserções religiosas e formas de sobrevivência.³

¹ “The only New Year’s Day spent away from home. [...] It must to be one of new experiences, new trials I know. And, as there is always more of joy in every life than sorrow, I expect to find new jobs as well.” In *Anne Luther’s Diary* a bordo do *Yamoyden*, 188. Smith – Luther – Bagby Family Papers. The Texas Collection – Baylor University, Waco Texas.

² “Na noite anterior à da minha subida a bordo do navio a vapor que partia para as cidades da costa leste da América do Sul, eu pensava muito em minha mãe, escrevendo uma longa carta com muitos borrões de lágrimas. A carta era um esforço para explicar por que eu estava partindo sem primeiro ir para casa para lhe contar sobre tudo sobre e para dizer a todos um adeus amoroso. O amor filial dentro do meu coração foi derramado nessa carta [...] mas [...] (não) podia falhar na minha promessa para Deus [...] dar a minha vida em qualquer maneira para que Ele pudesse me usar para ajudar na expansão de Sua verdade”. In *Recollections by Minna Everett*, 1920. Smith – Luther – Bagby Family Papers. The Texas Collection – Baylor University, Waco, Texas. Em 1887 Minna contraiu febre amarela no Brasil e retornou ao Texas. Depois de um período como missionária no México, ela se tornou a primeira secretária remunerada da *The Texas Woman’s Missionary Union*.

³ E. de M. SAMARA, *As Ideias e os Números do Gênero*.

Os deslocamentos das mulheres revelam suas figuras em público, em movimento. Viajaram, migraram, mudaram de lugar e de situação, integradas nas grandes mobilidades rurais e urbanas, nacionais e internacionais, dos séculos XIX e XX. Ao se libertar das tutelas familiares prévias, fossem solteiras ou recém-casadas, podiam almejar ascensões sociais, escapar de uniões arranjadas. Viajar e trabalhar como missionárias em países distantes, exóticos, desconhecidos e de difícil acesso, em viagens arriscadas, foi uma aventura. Significou também o alargamento dos horizontes onde puderam se inscrever de outras formas e maneiras.

Segundo Miriam Moreira Leite,⁴ a mulher viajante rompeu alguns padrões difundidos no século XIX, na medida em que a viagem foi ampliação do espaço social normalmente atribuído às mulheres. Ao viajar, inscreveram-se em outros espaços sociais que correspondiam a novas funções. Ao relatar suas viagens, apresentaram as tensões entre os consentimentos possíveis e as representações dominantes.⁵ Os deslocamentos revelam as ambiguidades e tentativas de subversão das relações de dominação e os textos das viajantes e missionárias apresentam incorporações culturais e exprimem valores, visões idealizadas e estereótipos.

Analisar a formação histórica da figura social das missionárias significa explorar formas de construção de identidades, de gênero, de classes, de pertencimentos nacionais, religiosos e culturais. É necessário levar em consideração o fato de que as decisões das missionárias protestantes americanas em emigrar para terras distantes fazendo o "trabalho de Deus", além de questões econômicas, sociais e políticas dos Estados Unidos logo após o final da Guerra Civil (1861-1865), também se baseou em convicções religiosas.

Os movimentos missionários protestantes do período moderno da história desde o final do século XVIII integram esse momento juntamente com o Iluminismo e as mudanças econômicas, sociais e culturais do capitalismo, da industrialização, do colonialismo e do imperialismo. A partir da segunda metade do século XIX, alguns atores dessas histórias, homens e mulheres, já começavam a propor que era necessário redimir, melhorar e aprimorar de acordo com os padrões da civilização cristã ocidental. Foi nesse contexto que novos movimentos missionários cristãos em geral, e protestantes em particular, começaram a ter como proposta básica a introdução de um modo de vida cristão, ocidental, com as referências baseadas no esforço, na abstinência, na autodisciplina e na conversão religiosa.⁶

O estudo dos movimentos missionários nesse período é importante para uma história cultural das relações entre gênero e religião. O conceito "gênero",

⁴ M. L. M. LEITE, *Livros de Viagem (1803-1900)*.

⁵ S. M. S. FRANCO, *Peregrinas de Outrora*.

⁶ D. L. ROBERT, *American Women in Mission*; N. FERGUSON, *Empire*.

neste trabalho, é o mesmo desenvolvido por *Joan Scott*.⁷ Trata dos discursos que formulam as diferenças entre os sexos e que abrangem relações sociais e políticas, representações culturais construídas em determinados momentos históricos. Assim, o conceito de análise “gênero” permite historicizar paradigmas sobre a construção de subjetividades baseadas nas diferenças entre os sexos e que acabam por determinar relações assimétricas e desiguais, recíprocas e desiguais.

Estudar a história das mulheres missionárias americanas protestantes na perspectiva das relações entre gênero e religião trabalha com os dispositivos que se desdobram em diversos registros que deveriam garantir determinadas concepções de diferenças entre os sexos. As narrativas e as representações sobre essas relações estudadas foram formuladas dentro de determinadas contingências de credos religiosos, de nacionalidades, de classes e etnias, bem como levando em consideração os debates e polêmicas que envolvem os estudos feministas e a religião.⁸

Procurou-se desenvolver uma perspectiva que levasse em conta um dos desafios centrais da história cultural: a de ligar a construção discursiva do social e a construção social do discurso na especificidade da compreensão histórica. Michel de Certeau⁹ formulou aquilo que seria a tensão fundamental do conhecimento histórico: um discurso capaz de acionar construções, representações, narrativas, composições e figuras para construir um corpo de enunciados com possibilidade de estabelecer conjuntos de regras que permitam controlar, ainda que de maneira provisória, as operações de produção de sujeitos determinados.

Uma história cultural das religiões também deve ser objeto de reflexão. Afinal, o que é religião e de qual religião estaremos falando? Uma característica epistemológica da história das religiões é a perspectiva cultural e a preocupação em definir o conceito “religião” como categoria interpretativa e conceitual. Embora a religião possa ser analisada em diferentes perspectivas, a cultura é objeto específico e limitativo do próprio historiador, sendo a religião um fator privilegiado para qualificar a cultura com seus valores próprios. Sem isolar a religião de seu contexto histórico e cultural, do sistema de valores, trata-se de definir aquilo que é “a religião”.¹⁰ Somente no Ocidente é possível encontrar uma cultura que se

⁷ J. SCOTT, *Gender and the Politics of History*.

⁸ E. M. SILVA, Gênero, Religião, Missionarismo e Identidade Protestante Norte-Americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. In: *Madrágora*; S. D. SOUZA, *Gênero e Religião no Brasil*; U. KING e T. BEATTIE (eds.), *Gender, Religion and Diversity*; W. R. SHENK (ed.), *North American Foreign Missions, 1810 – 1914*; A. F. WALLS, *The Missionary Movement in Christian History*; K. JAYARDENA, *The White Woman's Other Burden*; N. CHAUDURI e M. STROBEL, *Complicity and Resistance*; MOHANTY et alii (eds.), *Third World Women and Politics of Feminism*.

⁹ M. de CERTEAU, *A Escrita da História*.

¹⁰ E. M. SILVA; K. K. BELLOTTI; L. S. CAMPOS, *Religião e Sociedade na América Latina*.

inventa em termo de civilização e religião, e que constrói a própria história e a do mundo como uma contínua oscilação entre os dois termos. O Ocidente inventou, produziu a civilização e a religião como construções culturais, como parte e produto da cristianização e não da latinização.¹¹

Religiões são representações culturais que aspiram à universalidade e que são determinadas por aqueles que as elaboram. Não são neutras, pois impõem, justificam, legitimam projetos, regras, condutas etc. É necessário identificar a maneira através da qual, em diferentes tempos e lugares, um determinado fenômeno religioso é construído, pensado, lido e faz parte da dinâmica cultural.

A religião é um dispositivo de representação cultural de grande força e eficácia, uma dimensão das representações culturais do mundo, estando sujeita, portanto, a mudanças. Religião e crenças religiosas só podem ser definidas em determinados contextos espaciais e temporais. Desvendar a cultura é revelar as estratégias e dinâmicas de identidade que constituem cada grupo social. As identidades religiosas estabelecem parâmetros culturais que influenciam as práticas cotidianas, os lugares, relações, posições hierárquicas, atitudes e representações. É importante reavaliar o papel que exercem na construção dos papéis de gênero e que influenciam, de forma ampla, os valores e os sentidos de uma dada sociedade, sendo referência de uma intenção em que o imaginado, proposto e idealizado adquire um sentido.

O Missionarismo protestante entre 1879 e 1920

O missionarismo, no contexto do protestantismo na segunda metade do século XIX, particularmente entre 1870 e 1920, foi um movimento bastante particular na história do protestantismo anglo-saxão em geral, e do norte-americano em particular, articulado a uma cultura ocidental de unificar o mundo através da modernização, civilização e cristianização.

Parte da historiografia sobre o missionarismo protestante americano procura destacar os parâmetros teológicos, históricos e culturais que caracterizaram as especificidades desses movimentos como característicos de um determinado contexto histórico e religioso. Reavalia, também, os impactos que a expansão e encontro com outras culturas tiveram para mudanças teológicas e para as metodologias de ação missionária do protestantismo anglo-americano.¹²

¹¹ M. MASSENZIO, *A História das Religiões na Cultura Moderna*.

¹² Há que destacar, na história do missionarismo protestante do século XIX do início do XX, o crescimento do protestantismo interdenominacional americano, a expansão pentecostal e o crescimento de movimentos religiosos nacionais independentes nos locais de grande inserção missionária. A partir da primeira década do

No caso do missionarismo norte-americano do século XIX, houve uma forte conexão com as proposições do Destino Manifesto, conectando forças religiosas com a expansão da Nação Americana e em todas as repercussões que determinaram o crescimento do missionarismo dentro e fora dos Estados Unidos. Tais determinações foram claramente enunciadas como por Strong em 1891 como *as goes America, so goes the world, in all that is vital to its moral welfare.*¹³

Um determinado evangelho social estava sendo incorporado à cultura americana e aos sonhos de uma América Cristã como exemplo mundial, tanto na política de expansão territorial e econômica, quanto no campo das crenças religiosas.¹⁴ Uma mistura de pietismo, progresso, evolucionismo social, destino manifesto divinamente inspirado, a preocupação com a formação moral cristã dos líderes e de povo, acompanharam a expansão missionária, conforme afirmou James Dennis em um texto de 1897 intitulado *Christian Missions and Social Progress: A Sociological Study of Foreign Missions*:

Christian missions, according to every fair and proper criterion, [...] to be ranked as a religious force in the world [...]. They touch and transform individual lives [...]. Do they also implant a new spirit and give a better tone to society, resulting in changed conditions, higher ideals of life, and remedial measures which are indicative of a new era in non-Christians nations [...]. We know that they teach a new religion of the heart. Do they also advocate and seek to establish a more refined moral code for the domestic, social, commercial, philanthropic, and even national life of mankind?¹⁵

O trabalho a serviço de Deus e da pregação do Evangelho, e o papel dos missionários como executores da vontade divina, incluíam os esforços de conversão de todos o que pensassem de formas diferentes, fossem hindus, muçulmanos ou

século XX, o missionarismo protestante americano foi incrementado pela vinda de pentecostais e pelo surgimento de Igrejas pentecostais nacionais, tais como a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil.

¹³ “Para onde vai a América, vai o mundo, e isso é vital para o bem-estar moral”. W. R. SHENK (ed.), *North American Foreign Missions, 1810 – 1914*, p. 164.

¹⁴ J. G. MELTON, *The Encyclopedia of American Religions*; J. MOSELEY, *A Cultural History of religion in America*; W. McLOUGHLIN, *Revivals, Awakenings and Reform*; S. AHLSTROM, *A Religious History of the American People*.

¹⁵ “As Missões cristãs, de acordo com critérios justos e adequados, [podem] se classificar como uma força religiosa no mundo [...]. Tocam e transformam vidas individuais [...]. Também implantam um novo espírito e dão um tom melhor para a sociedade, resultando em novas condições, em mais elevados ideais de vida e nas medidas adequadas para uma nova era nas nações não cristãs... Sabemos que ensinam uma nova religião do coração. Também defendem e tentam estabelecer um código moral mais refinado para a vida doméstica, social, comercial, filantrópica e mesmo nacional da humanidade.” W. R. SHENK (ed.), *North American Foreign Missions, 1810 – 1914*, p. 228.

católicos. Parecia, para esses missionários, que a religião, a sociedade e a cultura deveriam ser transformadas por uma racionalidade religiosa universal.

Algumas características gerais desse missionarismo podem ser elencadas. Em primeiro lugar, foi um movimento internacional e supradenominacional, relativizando aspectos históricos, culturais e teológicos das diferentes formas do protestantismo. As missões protestantes remodelaram o próprio protestantismo. Em segundo lugar, as atividades educativas subverteram regras coloniais e teológicas. Estudantes e graduados nos centros de estudos teológicos e escolas protestantes se tornaram líderes políticos e religiosos em seus países, em suas igrejas nacionais e, em muitos casos, liderando movimentos nacionalistas, de descolonização e de independência.¹⁶ Em terceiro lugar, as missões protestantes usavam as línguas vernáculas para a transmissão da fé cristã. O esforço de tradução e de produção literária local significou o encontro de uma herança ocidental com novas perspectivas que resultaram em diversificação dos modelos eclesiais e de abordagem teológica. Em quarto lugar, o zelo missionário de coletar, descrever, analisar e classificar as outras culturas como conhecimento religioso, cultural e etnológico, influenciou pensamentos alternativos no Ocidente.¹⁷

O missionarismo teve influência direta sobre os papéis de gênero e a situação feminina no período vitoriano. As condições básicas do trabalho missionário pareciam oferecer às mulheres oportunidades que não teriam em seus lares e países, nem nos limites de suas igrejas e comunidades religiosas.

A construção da missionária

Sociedades e grupos missionários protestantes foram fundados em vários períodos do século XIX. Era comum que um casal ou pequeno grupo de missionários chegassem a diferentes países e lugares para iniciar um trabalho de vanguarda de estabelecimento de um posto missionário avançado e, em seguida, partir para os territórios menos colonizados. Depois de 1870, novas sociedades missionárias foram organizadas com objetivo de tornar mais eficiente e estruturada essa atividade de expansão. Embora o movimento missionário, até esse período, tenha sido controlado pelos homens, a partir dessa época o crescimento da presença das mulheres começou por alterar esse paradigma de gênero.

As Sociedades Missionárias Femininas foram incrementadas na segunda metade do século XIX. Nessa época, a mulher missionária começa a se tornar um

¹⁶ M. C. SINGH, *Gender, Religion and "Heathen Lands"*.

¹⁷ F. BOWIE, D. KIRKWOOD, S. ARDENER (eds.), *Women and Missions*.

personagem constante, ocupando diferentes posições e trabalhos. Segundo o jornal *Our Homes*, editado por mulheres metodistas norte-americanas em abril de 1894,

The Woman's Home Mission Society [...] is to provide for all the needs of women, temporal, moral and physical. 'Women's work for women'. [...] because nowhere upon earth is woman, upon whom in all lands falls the heaviest burdens of degradation, a greater sufferer from heathenish superstition, idolatrous rites and domestic immorality, than within our own territory.¹⁸

Segundo Patricia Hill,¹⁹ em 1915 havia mais de três milhões afiliados a alguma sociedade de mulheres missionárias. É necessário considerar as especificidades da cultura norte-americana sobre os papéis femininos, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX, quando os temas da religião, da educação, da igualdade social, da formação de cidadãos e da democracia foram interconectados, principalmente após o término da Guerra Civil. Tendo como meta a formação da nova mulher americana, encontramos um ideal republicano protestante sobre a formação do caráter feminino baseado na austeridade, independência, na utilidade e na competência como esposas, mães e profissionais.

Muitos dos defensores e defensoras da educação feminina distinguiram-se também como ativistas religiosos e defendiam doutrinas que fortaleciam a participação feminina nas igrejas, nos movimentos de reforma social, no assistencialismo e na educação. Embora a maternidade e o lar ainda fossem considerados a base suprema das atividades femininas, havia o reconhecimento de que as mulheres, sobretudo as solteiras, poderiam atuar com a profissionalização da maternidade que se estenderia para diferentes qualificações, incluindo o magistério, a enfermagem, os cuidados aos pobres e desamparados.

De acordo com essa perspectiva, mulheres com boa educação religiosa seriam mais aptas para o lar, para as escolas, para os trabalhos assistenciais e para o missionarismo. Fossem casadas, viúvas ou solteiras, a educação e a religião foram vistas como os fundamentos do lar e da sociedade, funções compatíveis entre si tanto no espaço privado como nas atividades públicas.²⁰ As ideias de liberdade, emancipação, realização pessoal, moralidade e virtudes religiosas estavam integradas ao

¹⁸ "O objetivo da *Woman's Home Mission Society* [...] é o de atender todas as necessidades das mulheres, sejam elas temporais, morais e físicas. [O lema] 'Mulheres trabalhando para mulheres [...] porque em todos os lugares na terra é sobre as mulheres caem todos os fardos mais pesados da degradação, os maiores sofrimentos da superstição, ritos, idolatrias e imoralidade, muito mais do que no nosso próprio território.'" V. SHADRON, *Out of Our Homes*.

¹⁹ P. HILL, *The World Their Household*.

²⁰ J. S. ALMEIDA, *Ler as Letras*.

corolário das missionárias em todas as atividades que empreendiam, das tentativas de conversão à educação.

Um exemplo desse movimento nos Estados Unidos foi a criação das Faculdades (*Colleges*) voltadas à formação profissional das mulheres embasada em valores éticos e morais religiosos. Em 1833, surgiu o *Oberlin College*, primeira faculdade aberta ao ingresso de mulheres. Outras iniciativas começaram a ampliar o ingresso feminino a partir de 1870 e 1880, embora *Harvard*, *Yale*, *Princeton* somente começassem a receber mulheres nos anos sessenta do século XX.

Lentamente, alguns *Colleges/Universities* empregaram mulheres com formação profissional e religiosa em seu corpo docente. A *Wilberforce University*, cujo lema, em 1863, era o de que não deveria existir nenhuma distinção de raça e cor entre os funcionários, dirigentes, professores e alunos, foi pioneira na contratação de mulheres como professoras.²¹ Seu reitor, o bispo da *African Methodist Episcopal Church* Daniel Payne (1811-1893), negro, abolicionista, educador, pregador, reitor, historiador e teólogo, foi incentivador da participação feminina. De acordo com seus pontos de vista, três questões seriam fundamentais para o aprimoramento da sociedade: os homens, independentemente da cor de sua pele, deveriam ser livres; os homens, pela sua natureza pecadora, deviam ser redimidos; os homens, apesar da ignorância, mereceriam ser educados.²²

Em 1853, Daniel A. Payne publicou o *First Annual Adress to the Philadelphia Annual Conference of the A. M. E. Church*, no qual abordou o problema geral das escolas cristãs nos Estados Unidos enfatizando a participação das mulheres como educadoras cristãs, ao afirmar que

In Philadelphia, I have visited those private schools kept by Miss Sarah Douglass, Miss Margareth Forten and Miss Ada Hinton. As far as they go, they are excellent and those young ladies should have the steam and patronage due their qualifications and devotion to the intellectual and moral development of their scholars.

[...].

During the month of March, a lady learned in medical science – Mrs. Oliver Johnson – delivered two courses of lectures on Physiology and Hygiene to the ladies o for the ladies of our city.²³

²¹ C. KILLIAN (org.), *Religions in America*.

²² D. A. PAYNE (Bishop), *Annual Report and Retrospectives of the First Decade of Wilberforce University*.

²³ “Na Filadélfia, visitei as escolas particulares mantidas pela Miss Sarah Douglass, Miss Margareth Forten e Miss Ada Hinton. Na medida de seu alcance elas são excelentes, e essas jovens senhoras devem ter incentivo e apoio devidos pelas suas qualificações e devoção ao desenvolvimento intelectual e moral de seus acadêmicos. [...] Durante o mês de março, uma senhora que aprendeu ciência médica – Mrs. Oliver Johnson – ministrou dois cursos de palestras sobre Fisiologia e higiene para as senhoras da nossa cidade.”

Em julho de 1863, a *Wilberforce University* contratou duas professoras graduadas no *Oberlin College*: Mrs. J. G. Mitchell e Miss Esther T. Os defensores da educação em geral, e da feminina em particular, apontavam a necessidade de que o alvo fosse ensinar a pensar sem separar a parte prática, laboral, das atividades intelectuais. As críticas se baseavam no fato de que todas as atividades educativas para mulheres eram voltadas ao cultivo do charme, a exibição de dons, da elegância no comportamento e vestimenta, na habilidade com o piano e o canto para as plateias, enquanto esperavam pelo casamento. Ao contrário, segundo os defensores religiosos da educação e emancipação feminina, o avanço intelectual e moral, a educação e o trabalho deveriam ser partes integrantes do desenvolvimento de ambos os sexos, para que a atuação concreta no cumprimento dos desígnios de Deus pudesse ser alcançada por todos.²⁴

A promoção da educação de massas esteve em conexão com a formação dos estados nacionais, com a expansão colonialista e imperialista do Ocidente. Ao final do século XIX, as despesas públicas com educação já ocupavam espaço significativo nos orçamentos, empregando grande número de trabalhadores. A implantação dos grandes sistemas de educação foi um importante pilar dos estados nacionais modernos e, frequentemente, eram associados aos projetos de erradicação da pobreza, da ignorância e da violência.²⁵

A educação infantil deveria desenvolver a docilidade, a disciplina e a humildade, levando os alunos a aprender e a seguir ordens com precisão e alegria, sem necessidade de recompensa ou punição. O ensino e a religião seriam etapas essenciais do processo civilizatório. Quando associados, produziriam pessoas virtuosas, preparadas para ajudar a comunidade, ao próximo, para votar de forma consciente e agir como republicanos. Produziriam, também, esposas virtuosas, crianças com bondade nas ações. As mulheres seriam educadas para serem mães e profissionais. Catecismo, orações, boas maneiras e habilidades práticas tais como tecer, costurar e exercer o trabalho doméstico de forma racional, econômica, de acordo com os princípios básicos da higiene e da limpeza.

Estudos recentes sobre o tema religião e gênero apontam o papel da religião e da educação na relação entre cultura, colonialismo e papéis de gênero. Nupur Chauduri destaca a questão da educação das mulheres indianas como um dos projetos centrais por meio dos quais o governo colonial inglês pretendia introduzir

²⁴ G. HOUBRE, *Demoiselles católicas e misses protestantes: dois modelos antagônicos de educação no século XIX*. In: *Revista Esboços*.

²⁵ P. MILLER, *Gender Education Before and After Mass Schooling*. In: T. MEADE e M. WIESNER-HANKS (eds.), *A Companion to Gender History*.

mudanças na sociedade indiana.²⁶ Em 1849 foi criado em Calcutá o *Bethune College* para mulheres. O método de evangelização das mulheres através da educação começava, muitas vezes, com visitação periódica de missionárias a um grupo de jovens recolhidas na *zenana* (lugar ocupado exclusivamente por mulheres nos lares indianos) e formado por parentes ou vizinhas das classes médias ou altas. Houve, também, a preocupação de reunir pequenos grupos de jovens de grupos sociais menos favorecidos para aulas periódicas. Essa educação consistia em leitura, redação, aritmética, bordado, costura e estudos bíblicos.

Missionárias médicas e enfermeiras começaram a ocupar importante lugar na sociedade indiana. Além de promover cuidados à saúde das mulheres, fundaram hospitais e escolas voltadas ao público feminino. Esse foi o caso do *North Indian School of Medicine for Christian Women*, estabelecida para treinar mulheres cristãs como enfermeiras e assistentes. A fundação dessa escola foi o resultado dos esforços de duas irmãs missionárias escocesas, Misses Martha Rose e Kay Greenfield que, entre 1893 e 1894, em ação conjunta com a médica Edith Mary Brown (1864-1956), procuraram organizar os cuidados médicos e de saúde na cidade de Ludhiana. A ideia básica do projeto de criação de escolas era formar e empregar mulheres inglesas e indianas como médicas e enfermeiras.

Outro caso foi o de Ida Sophia Scudder (1870-1960). Neta de um médico nova-iorquino, John Scudder, missionário na Índia desde 1819, ela nasceu em Ranipet. Durante sua juventude, foi enviada aos Estados Unidos para estudar, tendo se formado médica pelo *Cornell Medical College*.²⁷ Antes de deixar os Estados Unidos para ser missionária médica na Índia, Ida Scudder apresentara ao *Women's Board of Foreign Missions of The Reformed Church in America* um apelo sobre as necessidades especiais para a organização de um hospital feminino em Vellore. O apelo teve efeito sobre um rico banqueiro da comunidade, que doou dez mil dólares para a construção de um hospital em memória de sua esposa.²⁸ Em 1909, ela fundou uma escola de enfermagem para as indianas e, em 1918, começou a funcionar o *Vellore Christian Medical College*, para a formação de médicas e enfermeiras nativas. A evangelização cristã era parte da formação nessas escolas e faculdades. A religião desempenhava um papel fundamental na vida e na educação das estudantes. A ética religiosa enfatizava a formação de caráter e comportamento cristãos.

Nem todas as médicas que foram para a Índia eram missionárias. Muitas procuravam novos espaços de trabalho longe das discriminações de gênero

²⁶ N. CHAUDURI e M. STROBEL, *Complicity and Resistance*.

²⁷ D. WILSON, *Dr. IDA: The Story of Ida Sudder of Vellore*.

²⁸ M. E. CHAMBERLAIN, *Fifty Years in Foreign Fields*.

enfrentadas em seus lugares de origem. Indianos e indianas estavam interessados em tratamentos médicos ocidentais e, no caso das mulheres, restrições culturais faziam com preferissem (ou lhes fosse permitido) apenas o tratamento médico ministrado por mulheres. Mas, sem sombra de dúvida, a rede profissional e educacional, nesse período, foi formada por missionárias.

As médicas dominaram as áreas de ginecologia e obstetrícia. Segundo Chauduri,²⁹ a prática da *pardah*, que segregava as mulheres em espaços totalmente separados e reclusos, sem possibilidades de ação na esfera pública, também ajudou para a profissionalização de mulheres das classes mais altas nas atividades médicas e educativas entre as mulheres.

Mulheres e Missionarismo no Brasil

As missionárias americanas que chegaram ao Brasil enfrentaram situações específicas, tais como o catolicismo como cultura religiosa dominante e religião oficial, e também o escravismo. A situação cultural e social das relações de gênero, embora diferente da encontrada no Oriente e nos países islâmicos, foi objeto de estranhamento. O Brasil era uma nação independente do grande sistema colonial europeu, com condições diferentes das situações enfrentadas pelas missionárias na Ásia, Oriente, África ou Oceania, tais como paganismo, colonialismo e imperialismo. Essas diferenças geraram demandas e adaptações particulares.

A vinda das missionárias aconteceu em um momento específico da história da imigração americana para o Brasil, no período de pós-Guerra Civil. A partir de meados da década de 1860, grupos de confederados sulistas americanos começaram a chegar a terras brasileiras. As motivações para a imigração sulista, após a derrota na Guerra de Secessão, foram variadas: desde problemas relativos à pobreza do sul devastado pela guerra, o final da escravidão e até interesses comerciais e expansionistas em direção a novos territórios e possibilidades agrícolas. Aos interesses comerciais se somaram os ideais protestantes missionários. Uma rede de relações envolveu imigrantes, comerciantes e militares americanos, missionários e igrejas protestantes, lojas maçônicas e grupos políticos liberais brasileiros, e resultou em uma convergência de interesses que acabaram por colocar o Brasil na rota da expansão econômica e religiosa norte-americana da segunda metade do século XIX.³⁰

O missionarismo protestante para o Brasil e para a América Latina independente aconteceu dentro do quadro da expansão industrial e das modernas formas

²⁹ N. CHAUDURI e M. STROBEL, *Complicity and Resistance*.

³⁰ C. B. DAWSEY e J. M. DAWSEY (ed). *The Confederados*; E. C. HARTER, *The Lost Colony of the Confederacy*; J. M. JONES, *Soldado Descansa!*; L. F. HILL, *The Confederate Exodus to Latin America*; S. B. S. FERGUSON, *Emigrating to Brazil e The Americans Colonies Emigrating to Brazil*.

de transportes e comunicações. Ciência, novas tecnologias, avanços educacionais e o crescimento do comércio internacional acabaram por promover e expandir o surgimento de redes comerciais, de relações sociais e econômicas, e encorajaram as imigrações e as missões protestantes no contexto da expansão dos Estados Unidos em busca de novas áreas de influência. Vários empresários brasileiros e americanos estavam interessados em associações e projetos comerciais.³¹ Empresários, engenheiros e mecânicos americanos estiveram envolvidos na construção de estradas de ferro, sistemas de comunicações fluvial e em variados empreendimentos industriais.³²

A chegada de presbiterianos, batistas e metodistas norte-americanos acompanhou a chegada dos imigrantes confederados sulistas logo após o final da Guerra Civil.³³ O governo imperial brasileiro colaborou com várias iniciativas para garantir os contatos com os Estados Unidos chegando, por exemplo, a subsidiar uma linha de navegação entre Nova York e o Brasil. O desenvolvimento dos projetos de colonização e imigração norte-americanos também contou com o apoio de Dom Pedro II.

Houve também um grande interesse por parte dos imigrantes sulistas americanos na escravidão ainda vigente no Brasil. Durante a Guerra Civil, o governo brasileiro apoiou as causas dos estados sulistas e, posteriormente, após a rendição de *Appotomax*, um jornal de Nova York escreveu que cerca de 50 mil sulistas estavam prontos para emigrar ao Brasil. Embora a escravidão não tenha sido significativa entre os colonizadores, as leis de imigração brasileiras impediam que escravos fossem trazidos dos Estados Unidos e eles logo descobriram, não sem certo pesar baseado nos pressupostos raciais e escravocratas preponderantes no Sul dos Estados Unidos pós-abolicionista, que “*a natureza, as leis e os costumes sociais do Brasil fizeram do negro brasileiro uma criatura muito diferente*”.³⁴

A existência das comunidades de imigrantes protestantes norte-americanos, bem como a expansão dos contatos e interesses bilaterais entre Estados Unidos e Brasil a partir da década de 1870, foram fundamentais para a expansão e inserção missionária protestante com o objetivo de divulgar o “verdadeiro evangelho” no Brasil católico.

A expressão “cristão”/“cristã” continuou tendo como referência o catolicismo. A cultura católica prevalecia e, além de outros problemas, parecia ser uma forte

³¹ A. F. GUSSI, *Os norte-americanos (confederados) do Brasil*.

³² O. H. HACK, *Protestantismo e educação brasileira*.

³³ C. B. DAWSEY e J. M. DAWSEY (eds.), *The Confederados*.

³⁴ “[...] *that the nature and the laws and social costumes of Brazil had made of the Brazilian Negro a very different creature.*” S. B. S. FERGUSON, *Emigrating to Brazil*, p. 12.

barreira para a expansão protestante. Contudo, ao invés de motivo de desesperança ou abandono da atividade missionária, esse aspecto era ressaltado como um ponto essencial a ser trabalhado.

Segundo a interpretação corrente entre os missionários protestantes, o catolicismo na cultura religiosa brasileira era superficial, um mero compromisso social, e poderia, com esforço e convicção, ser derrotado. Essa afirmação era fundamental para justificar os empreendimentos de conversão, o esforço pessoal e material por parte dos diferentes agentes financiadores norte-americanos.

Segundo essa análise entre os missionários, embora o catolicismo, identificado como o Anticristo, estivesse presente muito mais fortemente entre as mulheres do que entre os homens, a tradição católica se mantinha como parte integrante da cultura. Mas, os relatos missionários faziam questão de descrever a fragilidade, a decadência e corrupção moral do catolicismo. Do ponto de vista protestante, não havia diferença, em termos de descrença religiosa, entre os habitantes da Ásia e da África e os brasileiros católicos, uma vez que a fé cristã havia sido deturpada pelos padres e pela Igreja Romana. O investimento em dinheiro, tempo e missão eram importantes também no Brasil e em outros países católicos.

No Brasil, ainda são poucos os trabalhos que apontam a relação entre missionárias e a profissionalização das enfermeiras e médicas. Maria Lúcia Mott³⁵ destaca os nomes anglo-saxônicos de *misses* que ajudaram a implantar a profissionalização da enfermagem: Miss Hellen Smail na Maternidade da Bahia; o esforço de formação de enfermeiras evangélicas quando da criação do Hospital Samaritano de São Paulo, em 1890, bem como a presença de inglesas nas enfermarias femininas. Ao longo do artigo, aparecem várias referências à presença de inglesas na história da formação dos serviços de enfermagem feminina.

Outro caso a ser destacado é o da imigrante belga Jeanne Marie Rennotte (1852-1942). Sua primeira experiência profissional no Brasil foi como professora ao lado da missionária metodista Martha Watts, em Piracicaba.³⁶ Marie Renotte nasceu em 1852, na Bélgica. Formou-se professora em Paris e mudou para o Brasil aos 26 anos. Em 1882, começou a trabalhar como professora de Ciências no Colégio Piracicabano, onde permaneceu até 1889. Durante o período em que viveu e ensinou em Piracicaba, escreveu sobre direitos das mulheres, sufrágio, emancipação e educação para as jovens que procuravam liberdade e emancipação. Esses artigos foram publicados em diferentes jornais, como a “Gazeta de Piracicaba” e “O Piracicabano”.

³⁵ M. L. MOTT, Revendo a História da Enfermagem em São Paulo. In: *Cadernos PAGU*.

³⁶ L. DE LUCA e J. B. A. DE LUCA, Marie Rennotte, educator and medical doctor. In: *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*.

Em um dos artigos que escreveu para o jornal *Gazeta de Piracicaba*, em agosto de 1882, expôs com clareza sua ideias, ao afirmar que

é difícil de dar aquilo que não se possui e a mulher ignorante não pode passar a sua progeneritura o gosto do belo, do bom, do útil, se ela mesma não sabe discernir o preferível, o vantajoso [...] como a ignorância é sempre irmã da servidão. Ela [a mulher], não se sentindo a altura d'aquele que a escolheu, humilha-se e desce ao grão [sic] de criada. (ELIAS, 2006, 26)

Em 1889, Renotte viajou para os Estados Unidos. Formou-se médica no *Woman's Medical College of Pennsylvania* (1867-1970). Essa instituição foi criada como *Female Medical College of Pennsylvania* e é considerada a primeira escola de medicina para mulheres nos Estados Unidos.³⁷ Posteriormente, Renotte obteve especialização na França em ginecologia e obstetrícia. Retornou ao Brasil em 1896, sendo admitida na Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Na ata da reunião de 02 de maio de 1902, seu nome apareceu no Congresso de Medicina e Cirurgia em Belo Horizonte. Nesse evento foi organizada a fundação da Cruz Vermelha no Brasil e prevista a criação de uma escola de enfermagem. Em 1917, a escola já estava em funcionamento e tinha como docentes a Dra. Marie Renotte e a Dra. Casemira Loureiro, médica formada pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto e professora da Escola de Enfermagem da Santa Casa de Misericórdia.³⁸

A associação de religião com uma missão de cura, além da filantropia e do assistencialismo como parte da estratégia missionária, devem ser destacados. As oportunidades de trabalho para mulheres no período vitoriano significaram novas reconfigurações de gênero. Jane Haggis,³⁹ ao estudar os processos de seleção de missionárias pela *The London Missionary Society* entre 1875 e 1900, destacou a ênfase crescente, como critério de escolha de missionárias, na qualificação profissional, sobretudo como professoras ou na área da saúde. Para Haggis, a análise demonstra como as exigências de profissionalização mudaram os limites das reconfigurações de gênero e classe. Mesmo mantendo a convenção e as relações hierárquicas de gênero dos padrões religiosos, as missionárias com formação profissional, sobretudo as solteiras, podiam agir com muito mais independência.

³⁷ Nesta instituição, em 1851, Hannah Longshore tornou-se "faculty member of anatomy" e, em 1853, Ann Preston foi nomeada "professor of hygiene and physiology". Em 1866, foi nomeada "Dean of College"

³⁸ M. L. MOTT; O. S. F. ALVES; K. MAESTRINI; T. SANTOS. Médicos e Médicas em São Paulo e os Livros de Registros dos Serviços de Fiscalização do Exercício Profissional. In: *Ciênc. saúde coletiva*.

³⁹ J. HAGGIS, A Heart that has felt the love of God and longs for others to know it. In: *Women's History Review*.

No caso das profissionais na área da saúde, o padrão para o período foi ditado pela figura de Florence Nightingale (1820-1910). A carreira de Florence foi paradigmática de uma representação num período em que valores religiosos tais como vocação, altruísmo, caridade e piedade foram ganhando novas conformações e se adaptando às necessidades de uma nova profissão feminina. Educação e cuidados da saúde se tornam ocupações femininas por excelência. O estudo dessas mudanças, sobretudo na profissão de enfermeiras e médicas, é revelador das formas flexíveis e sutis através das quais as relações normativas entre religião, profissionalização e gênero foram sendo reordenadas, incluindo novas situações de empoderamento de gênero.

Desde os anos 1880, várias políticas educacionais vinham sendo implantadas no Brasil sobre a educação feminina, inspiradas em ideias positivistas e científicas em voga. Procuravam alcançar as mulheres de elite e das classes populares. Ideias sobre educação feminina eram múltiplas e tanto refletiam como estabeleciam relações permeadas pelas divisões de gênero, classe, etnia e poder da sociedade brasileira do período. Estabeleciam hierarquias e proximidades e, de um modo geral, pensavam a educação feminina como parte da função materna: enfatizavam a educação para formação do caráter feminino, das futuras mães da Nação. Como educadoras das gerações futuras, o papel primordial que deveria ser desempenhado pelas mulheres era o de pilar doméstico e sua instrução era um complemento à função social de educadora dos filhos.

Contudo, esse período foi, também, o da profissionalização das mulheres como professoras, estabelecendo um novo jogo de representações das funções femininas. O trabalho profissional como professora, atividade remunerada feminina, sempre conservou um caráter vocacional, de missão marcada pela abnegação e dedicação: a docência seria uma extensão da maternidade espiritual exercida sobre os alunos e alunas.⁴⁰ A importância da Educação e da Emancipação foram exigências fundamentais para a implantação da fé, abrindo os caminhos para a pregação do Evangelho: somente pessoas instruídas e esclarecidas, com grandes habilidades de compreensão de sentidos, de raciocínio lógico e coerente, habituadas à reflexão, poderiam abandonar a Igreja Católica e buscar a fé salvadora do protestantismo. Tal seria a missão das Igrejas protestantes americanas ao dar suporte e apoio ao trabalho das missionárias professoras. Muitas missionárias consideraram o trabalho evangelizador como objetivo principal de suas atividades. A vocação para o trabalho em missão era um desafio busca espiritual e religioso. A salvação das almas e a propagação do evangelho eram prioridade obrigação Em Piracicaba (SP),

⁴⁰ E. M. SILVA, Gênero, Religião, Missionarismo e Identidade Protestante Norte-Americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. In: *Mandrágora*.

em outubro de 1887, a missionária metodista Martha Watts escreveu o seguinte texto às suas irmãs de fé nos Estados Unidos:

Podem vocês imaginar a escuridão moral desse império em que o grande "Iluminador" não é mais bem conhecido? Não há necessidade de um trabalho de evangelização aqui, minhas irmãs? E vocês não orarão por nós para que sejamos dotados do poder superior, tão necessário para o trabalho que temos a fazer?⁴¹

Procuravam demonstrar a efetividade do trabalho organizado pelas mulheres: as missionárias bem preparadas intelectualmente e inteiramente dedicadas à causa da expansão do Cristianismo através da educação procuravam garantir seu espaço na esfera pública com objetivos, ação e trabalho. Batistas, metodistas e presbiterianos estiveram entre os principais grupos que organizaram sociedades missionárias apoiadas na atividade das mulheres para levantar fundos necessários para manter o missionarismo. Empregavam diferentes meios para a coleta de fundos, tais como festas de sorvete, festivais no campo, produção de colchas bordadas com nomes gravados, além de visitas e pregações em diferentes cidades e igrejas para conseguir doações. A divulgação e organização dos eventos dependiam de comunicação. Os encontros e demais eventos exigiam dedicação para alcançar sucesso. Muitas futuras missionárias foram, antes ou depois de suas viagens, secretárias de alguma dessas associações.

Garantir o fluxo constante de fundos e pessoas para as missões implicava trabalho constante por parte das secretárias e organizadoras dos *Board of Missions*, bem como dos próprios missionários. Era necessário manter a coleta de fundos e um aumento das doações, além de escrever regularmente aos jornais e demais publicações das igrejas, de manter os grupos informados. Havia que retornar com frequência aos Estados Unidos, pregando, divulgando as necessidades e encontrando novos grupos de apoio, bem como missionárias que seriam enviados como reforço para o trabalho em campo.

A efetivação da evangelização e da educação como trabalho missionário que envolveu uma extensa rede de instituições e figuras sociais. No caso das missionárias protestantes, as solteiras ou viúvas foram essenciais. Nos Estados Unidos e na Europa, cresceu o número de mulheres de diferentes classes e origens sociais e culturais que buscavam uma forma de independência financeira que garantisse sua sobrevivência após a morte dos pais e livres dos compromissos matrimoniais. Mudanças sociais e econômicas que ocorreram nos Estados Unidos a partir do final da Guerra Civil e, particularmente, depois da década de 1880, fizeram com

⁴¹ Z. MESQUITA (org), *Cartas de Martha Watts, 1881-1908*, p. 26.

milhares de jovens mulheres saíssem das fazendas e do campo para cidades. Essa movimentação demográfica afetou a vida de homens e mulheres. Foi fundamental organizar espaços que abrigassem as jovens que vinham do campo para as cidades, transitando da situação de filhas para a de mulheres autônomas, onde pudessem encontrar abrigo e segurança material e espiritual para se adaptar ao estilo de vida urbano e ao trabalho.⁴²

A historiadora Martha Vicinus⁴³ analisou as condições sociais, culturais e históricas da formação desses grupos de mulheres sozinhas. Estudando as vidas pessoais, coletivas e públicas das religiosas solteiras, ela revelou a ambivalência desse papel de gênero: nem sofredoras passivas, nem heroínas. Foram situações e instituições simultaneamente centrais e periféricas, marginais e detentoras de poder, com enorme influência dentro de limites estreitos, unidades e grupos de apoio com divisões e dúvidas. Vicinus analisa como essas mulheres solteiras e construíram lugares sociais e culturais de existência, bem como instituições organizadas e estratégias eficientes para superar suas fraquezas, as tradições estabelecidas, opiniões sociais e dificuldades econômicas.

Coexistindo com as imagens de domesticidade, lar idealizado e papéis femininos que privilegiavam a função de dona de casa, esposa e mãe, a figura social da mulher solteira terá uma nova representação. O estudo de Vicinus partiu do pressuposto de que as mulheres nunca foram participantes passivas da cultura dominante. Ao contrário, ativamente transformaram e redefiniram limites impostos e atuaram dentro de possibilidades de mudanças sociais e culturais. As mulheres solteiras, a partir da segunda metade do século XIX, ocuparam espaços de liderança nas lutas pela igualdade de direitos e na direção de novas opções e alternativas pessoais e profissionais para além do casamento. Instituições e comunidades, principalmente entre 1870 e 1880, foram essenciais no reconhecimento público de novos papéis sociais das mulheres solteiras. O desenvolvimento de habilidades de liderança, redes de amizade e solidariedade e poder para o trabalho na esfera pública, as formas como organizavam suas prioridades de trabalho, seu tempo, seu lazer, seus costumes, lealdades e afeições foram parte dessa história emocional, social e cultural. A autora aponta a importância dos movimentos religiosos para a compreensão de uma história dos papéis de gênero feminino contemporâneos.

Ao enfatizar a relação entre gênero e religião nas mudanças ocorridas e que são fortes ainda hoje, o trabalho de Vicinus remete a um dos problemas centrais da participação das mulheres nos movimentos religiosos. Pesquisas recentes demonstram que, nas grandes religiões institucionalizadas, as lideranças femininas acabam

⁴² M. A. DOUGHERTY, The Methodist Deaconess. In: *Methodist History*.

⁴³ M. VICINUS, *Independent Women*.

sempre marginalizadas. Essa marginalização determina as opções das lideranças das mulheres, o acesso educacional e as relações com as estruturas institucionais. Em religiões e culturas altamente masculinizadas e patriarcais, as mulheres podem ser vista como incapazes de atingir os objetivos religiosos máximos, sendo lhes negado o exercício das lideranças nas formas rotineiras e institucionalizadas das religiões. Estudar as formas alternativas e marginais das religiões que contam com a efetiva participação das mulheres pode ajudar a esclarecer alguns fatores teológicos e institucionais que favorecem o surgimento de lideranças femininas.⁴⁴

Mary Farrel Bednarowski⁴⁵ apontou alguns fatores comuns que podem ser encontrados nas religiões com mulheres em importantes papéis de liderança. Segundo a autora, nas religiões institucionais as mulheres são membros das congregações, enquanto os ministros, pastores, teólogos e líderes, são homens; poucas mulheres são mencionadas nas histórias padronizadas quando lideraram grupos dissidentes. Depois de comparar quatro grupos que surgiram em meados do século XIX – Shakerismo, Espiritualismo, Ciência Cristã e a Sociedade Teosófica – Bednarowski argumenta que as mulheres só atingem posições de liderança e igualdade em movimentos religiosos com as seguintes características: uma percepção de divindade que não enfatize o masculino, seja atribuindo um caráter bissexual à divindade ou concebendo o princípio divino como impessoal e/ou não antropomórfico; que relativize ou negue a doutrina da Queda; que não veja como fundamental necessidade de um clero tradicional e ordenado; que assuma uma visão de casamento que não valorize a condição de esposa ou de maternidade como esfera exclusivamente feminina, nem como a única forma de realização das mulheres.

A religião foi (e é) inspiração para o trabalho feminino mantendo o idealismo e caridade como formas essenciais de atuação, tanto no espaço privado quanto no público. As missionárias protestantes foram mulheres, casadas ou solteiras, treinadas e educadas para se dedicar aos cuidados com saúde, educação e boas obras assistenciais e religiosas. As instituições religiosas garantiam a efetividade de trabalho em grupos organizados, materialmente e socialmente, substituindo a caridade amadora e assistencialista pela vocação, disciplina e preparação profissional.

As comunidades religiosas atraíram mulheres e as organizações de missionárias forneceram aventura e desafio em conexão com o dever religioso. Não se pode deixar de levar em consideração, também, a forma de espiritualidade através de uma satisfação pessoal com Deus em busca da perfeição cristã.

⁴⁴ E. M. SILVA, Gênero e Religião. In: *Madrágora*.

⁴⁵ M. F. BEDNAROWSKI, Outside the Mainstream. In: *Journal of The American Academy of Religion*.

Para muitas dessas mulheres, o trabalho missionário em outros países, distantes e exóticos, podia ser visto com um desafio acrescido de deveres religiosos, uma satisfação pessoal e um comprometimento especial com a fé. Educação, oração, pregação e missionarismo integraram a sua identidade e garantiram valores morais, regras de conduta, respeitabilidade e suporte material em lugares distantes e longe de suas comunidades de origem. Sendo estrangeiras, habitando em espaços culturais distintos como americanas protestantes solteiras, as “*misses*” tinham um status diferente das nativas.

Como outras, suas especificidades e comportamentos, suas “esquisitices”, vivendo de forma independente, longe da família e sem compromissos matrimoniais, em suma, independentes e afastadas de todos os referenciais que garantiam a feminilidade, eram passíveis de novas leituras e de uma inserção social diferente.

Gênero não é só uma questão de sexualidade, mas também de subordinação e insubordinação. Mulheres e homens experimentaram a religião, o missionarismo, as alteridades, os choques culturais dentro de hierarquias preexistentes de poder que, muitas vezes, se desdobraram de forma oportunista e desordenada. Os encontros e desencontros alteraram trajetórias num longo e conflituoso tempo e em lugares diferentes. As dinâmicas de gênero assumiram formas muitas vezes irregulares: em contato com mulheres indianas, chinesas, brasileiras, frequentemente prejudicadas dentro de suas sociedades e culturas, as missionárias tiveram que negociar não somente as relações com suas crenças e com as estruturas masculinas de poder, mas com os conjuntos de regras e restrições que estruturavam suas novas relações nos ambientes em que se estabeleciam.

Como mulheres protestantes e americanas, embora barradas nos corredores do poder formal na suas igrejas e país, ao chegar aos lugares de suas missões, adquiriam posições mais autônomas e posições de poder, ainda que sutis e provisórias, sendo privilegiadas e restringidas, de modos desiguais e contraditórios. Tudo isso envolveu uma densa rede relações coercitivas, negociadas, partilhadas com cumplidade, recusadas. Compromisso, afiliação, revoltas, hibridez e ambiguidades estavam em jogo e explicam como subjetividades, significados coletivos enquanto categorias de identidades e alteridades como construções.

Referências bibliográficas

- AHLSTROM, S. *A Religious History of the American People*. New Haven and London, Yale University Press, 1973. p. 415-471.
- ALMEIDA, Jane Soares. *Ler as Letras: Por Que Educar Meninas e Mulheres?* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Editores Associados, 2007.

- BEDNAROWSKI, Mary Farrel. Outside the Mainstream: Women's Religion and Women Religious Leaders in Nineteenth Century America. In: *Journal of The American Academy of Religion*, 48 (June 1980): 207-3.
- BOWIE, F., KIRKWOOD, D., ARDENER, S. (eds.). *Women and Missions: Past and Present*. Providence: Oxford, Berg, 1993.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHAMBERLAIN, Mary E. A. *Fifty Years in Foreign Fields – China, Japan, India, Arabia. A History of Five Decades of the Women's Board of Foreign Missions of The Reformed Church in America (1875-1925)*. New York: The Board, 1925.
- CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios e propostas. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, volume 7 n. 13 (1994).
- CHARTIER, Roger. 2. O Mundo como representação. In: *À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHAUDURI, Nupur & STROBEL, Margareth. *Complicity and Resistance: Western Women and Imperialism*. Bloomington, Indianapolis: University of Indiana Press, 1992.
- CHRISTENSEN, Torben & HUTCHINSON, William (eds.). *Missionary Ideologies in the Imperialist Era, 1880-1920*. Aarhus, Denmark: Aros, 1982.
- DAWSEY, Cyrus B. & DAWSEY, James M. (eds.). *The Confederados: Old South Immigrants in Brazil*. Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 1995.
- DE LUCA, Leonora & DE LUCA, João Bosco Assis. Marie Rennotte, educator and medical doctor: elements for a historical and biographical, social and medical study. In: *Hist. cienc. saude-Manguinhos*. [online]. May/Aug 2003, vol. 10, no. 2 [cited 27 January 2006], p. 703-725.
- DOUGHERTY, Mary Agnes. The Methodist Deaconess: A Case of Religious Feminism. In: *Methodist History*, nº 2 (jan. 1983).
- ELIAS, Beatriz Vicentini. *Memória, Encantamento e Beleza* (Colégio Piracicabano 125 anos). Piracicaba: Editora da UNIMEP, 2006.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de Outrora: Viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNICS, 2008.
- FERGUSON, Sarah Bellona Smith. Emigrating to Brazil. In: *Farm and Ranch* (Dallas), (December 2 and 16, 1916; January 13 and 20, 1917); e The Americans Colonies Emigrating to Brazil. In: *Times of Brazil*" (São Paulo), (December 18,24 and 31, 1936).
- FERGUSON, Nial. *Empire: The Rise and The Demise of The British World Order and The Lessons for Global Powers*. New York, Perseus Books Group, 2002.
- GUSSI, Alcides Fernando. *Os norte-americanos (confederados) do Brasil: identidades no contexto transnacional*. Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1997.
- HACK, O. H. *Protestantismo e educação brasileira*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- HAGGIS, Jane. A Heart that has felt the love of God and longs for others to know it: conventions of gender, tensions of self and constructions of difference in offering to be a lady missionary. In: *Women's History Review*, vol 7, nº 2 (1998): p. 171-193.
- HARTER, Eugene C. *The Lost Colony of the Confederacy*. Jackson: University Press of Mississippi, 1985.

- HEENEY, Brian. The Beginnings of Church Feminism: Women and de Councils of the Church of England, 1897-1919. In: *Journal of Ecclesiastical*, 33, 1 (1990): 89-109.
- HILL, Lawrence F. The Confederate Exodus to Latin America. In: *The Southern Historical Quarterly*, 34 (January 1936).
- HILL, Patricia. *The World Their Household: The American's Woman's Foreign Mission and Cultural Transformation (1870 – 1920)*. Women and Cultural Series. Michigan: University of Michigan Press, 1985.
- HOUBRE, Gabrielle. Demoiselles católicas e *misses* protestantes: dois modelos antagônicos de educação no século XIX. In: *Revista Esboços*, v. 11, n. 11 (2004): 241-253.
- JAYARDENA, Kumari. *The White Woman's Other Burden: Western Women and South Asian During the British Rules*. London: Routledge, 1995.
- JONES, Judith MacKnight. *Soldado Descansa! Uma epopeia norte Americana sob os céus do Brazil*. São Paulo: Jarde, 1967.
- KILLIAN, Charles (org.). *Religions in America*. New York: Arno Press, 1972.
- KING, Ursula & BEATTIE, Tina (eds.). *Gender, Religion and Diversity: Cross-Cultural Perspectives*. London: Continuum International Publishing Group, 2005.
- LEITE, Miriam Lifichtz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LIND, Mary Ann. *The Compassionate Memsahibs: Welfare Activities of British Women in India, 1900-1947*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1988.
- MASSENZIO, Marcelo. *A História das Religiões na Cultura Moderna*. São Paulo: HEDRA, 2005.
- McLOUGHLIN, W. *Revivals, Awakenings and Reform: An Essay on Religion and Social Change in America, 1607-1977*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1993.
- MELTON, J. Gordon. *The Encyclopedia of American Religions*. Massachusetts: Gale, 1990.
- MESQUITA, Zuleica (org.). *Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.
- MILLER, Pavla. Gender Education Before and After Mass Schooling. In: MEADE, Teresa A. & WIESNER-HANKS, Merry (eds.). *A Companion to Gender History*. London: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 129-145.
- MOHANTY et alii (eds.). *Third World Women and Politics of Feminism*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.
- MITCHELL, Norma Taylor. From Social to Radical Feminism: A Survey of Emerging Diversity in Methodist Women's Organizations (1869-1974). In: *Methodist History* (April 1975): 21-44.
- MOSELEY, James. *A Cultural History of religion in America*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1981.
- MOTT, Maria Lucia. Revendo a História da Enfermagem em São Paulo. In: *Cadernos PAGU*, 13 (1999): 327-355.
- MOTT, Maria Lúcia; ALVES, Olga Sofia F.; MAESTRINI, Karla; SANTOS, Tais. Médicos e Médicas em São Paulo e os Livros de Registros dos Serviços de Fiscalização do Exercício Profissional (1892-1932). In: *Ciênc. saúde coletiva*, vol. 13, n. 3, Rio de

- Janeiro (May/June 2008). Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232008000300008&script=sci_arttext. Acesso em 25/02/2010.
- OLIVER, Caroline. *Western Women in Colonial Africa*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1982.
- PAYNE, Bishop Daniel A. *Annual Report and Retrospectives of the First Decade of Wilberforce University*. Cincinnati: s.n., 1873 (June 18).
- RANDALL, Balmer. *Mine Eyes Have Seen the Glory: A Journey into the Evangelical Subculture in America*. London: Oxford University Press, 2006.
- ROBERT, Dana L. (ed.). *Converting Colonialism: Visions and Realities in Mission History, 1706-1914*. Studies in The History of Christian Missions. Grand Rapids, Michigan: B. Eerdmans Publishing Co, 2008.
- _____. *American Women in Mission. A Social History of Their Thought and Practice*. Macom, Georgia: Mercer University Press, 1998.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As Ideias e os Números do Gênero: Argentina, Brasil e Chile no século XX*. São Paulo: HUCITEC/CEDHAL/FFLCH-USP/Fundação Vitae, 1997.
- SHADRON, V. *Out of Our Homes: The Woman's Right's Movement in the Methodist Episcopal Church, South, 1890-1918*. BA: Eckerd College, 1976.
- SCOTT, Joan. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1988.
- SHARPE, Jenny. *Allegories of Empire*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- SHENK, Wilbert R (ed.). *North American Foreign Missions, 1810–1914*. Theology, Theory and Policy. Eerdmans Publishing Co: Grand Rapids: Michigan, 2004.
- SINGH, Maina Chawla. *Gender, Religion and "Heathen Lands": American Missionary Women in South Asia (1860s-1940s)*. New York & London: Garland Publishing, 2000.
- SILVA, Eliane Moura; BELLOTTI, Karina K; CAMPOS, Leonildo S. *Religião e Sociedade na América Latina*. S. B. do Campo: UMESP, 2010.
- SILVA, Eliane Moura. Gênero, Religião, Missionarismo e Identidade Protestante Norte-Americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. In: *Madrágora – Gênero, Cultura e Religião*, ano 12, n. 16 (São Bernardo do Campo: UMESP, 2008).
- SILVA, Eliane Moura. Gênero e Religião: mulheres nos movimentos metafísicos e questões teóricas sobre lideranças femininas. In: *Madrágora*, ano IX, n. 10 (São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2004): 49-62.
- SOUZA, Sandra Duarte. *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas*. S. B do Campo: UMESP, 2006.
- TROLLOPE, Joanna. *Women of the British Empire*. London: Hutchinson, 1983.
- WALLS, A. F. *The Missionary Movement in Christian History*. MaryKnoll, NY: Orbis, 1996.
- WILSON, Dorothy. *Dr. IDA: The Story of Ida Sudder of Vellore*. New York: McGraw-Hill, 1959.
- VICINUS, Martha. *Independent Women: Work and Community for Single Women, 1850-1920*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1988.

Recebido: 16/01/2012

Aprovado: 07/03/2012